

PESSOAS INESQUECÍVEIS (WASUREENU HITOBITO), DE KUNIKIDA DOPPO

UNFORGETTABLE PEOPLE (WASUREENU HITOBITO), BY KUNIKIDA DOPPO

Karen Kazue Kawana¹

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-1030-5070>

Recebido em: 16/11/2020

Aceito em: 20/01/2021

RESUMO

Doppo Kunikida (1871-1908) nasceu em Chōshi, na província de Chiba, como Tetsuo Kunikida. Filho ilegítimo de um samurai e da empregada de uma pousada, ele foi criado pela mãe e pelo marido desta. Sua educação foi irregular, mas ele entrou na Tōkyō Senmon Gakkō, atual Universidade de Waseda, para estudar literatura inglesa, curso que não concluiu. Doppo atuou como jornalista, editor e escritor. Ele é considerado um dos precursores do naturalismo no Japão, mas o estilo lírico de sua prosa, o apreço pelos poemas de Wordsworth e seu encanto pela natureza o classificariam como um romântico. Em “Pessoas Inesquecíveis” (“Wasureenu hitobito”, 1898), Ōtsu,

ABSTRACT

Doppo Kunikida (1871-1908) was born in Chōshi, Chiba, as Tetsuo Kunikida. He was the illegitimate son of a samurai and a servant girl who worked at an inn. He was raised by his mother and her lawful husband. Despite receiving an irregular education, he entered the Tōkyō Senmon Gakkō, now Waseda University, to study English Literature, but didn't get his degree. Doppo worked as a journalist, editor and writer. He is considered one of the precursors of naturalism in Japan, but the lyrical style of his prose, his love of Wordsworth's poems and wonder before nature would classify him as a romantic. In “Unforgettable People” (“Wasureenu hitobito”, 1898), Ōtsu, an unknown writer, describes pe-

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária (IEL/Unicamp). Mestre e Doutora em Filosofia (Unicamp). Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa (USP). kkawanak@gmail.com

um escritor desconhecido, descreve pessoas que encontra em circunstâncias que as tornam especiais para ele, pessoas comuns que o tocam profundamente e das quais não consegue se esquecer.

Palavras-chave: Kunikida Doppo. literatura japonesa. naturalismo. romantismo. Conto.

ople who he meets in circumstances that make them special to him, ordinary people who touch him deeply and who he is unable to forget.

Keywords: Kunikida Doppo. Japanese literature. Naturalism. Romanticism. Short Story.

Sobre o autor e a tradução

Os escritores japoneses do final do século XIX foram influenciados pelo naturalismo europeu que descrevia a sociedade como um meio regido pela biologia, condições sociais, psicologia, etc. A leitura de Zola e Maupassant levou os escritores japoneses a retratar as pessoas das camadas mais baixas da sociedade como seres movidos por paixões que determinavam seus atos, o que acrescentava um elemento trágico em suas existências. No entanto, também havia uma vertente do naturalismo japonês que consistia na absorção da própria natureza, assim, de um elemento externo e impassível, ela é internalizada e imbuída de emoções. Há uma espécie de comunhão entre observador e objeto observado (KEENE, 1987). Esse tipo de naturalismo se aplicaria a Doppo Kunikida², pois, apesar de seus textos revelarem uma cuidadosa observação da sociedade, em geral, apenas seus últimos textos tratam das mazelas e cruza da vida das camadas mais baixas. A maioria possui um caráter lírico e idealista, o que o situaria mais no campo romântico do que no naturalista. Por meio deles, o autor expressa sua admiração pela natureza e os sentimentos que ela lhe evoca. A inexorabilidade e a grandiosidade da natureza o intimidam, o ser humano é pequeno e impotente diante dela, mas esses sentimentos também o aproximam de seus semelhantes.

Doppo nasceu em 1871, filho ilegítimo de um samurai e da empregada de uma pousada, e foi criado pela mãe e pelo padrasto. Apesar de ter recebido uma educação irregular, ele ingressou no departamento de literatura inglesa da Tōkyō Senmon Gakkō, atual Universidade de Waseda, porém, não concluiu o curso. Batizado no cristianismo em 1891, a religião se reflete em sua preocupação com os problemas da sociedade e na compaixão por seus

² Os nomes seguem a convenção ocidental, com prenome seguido pelo sobrenome.

semelhantes. Sua vida romântica não foi particularmente feliz. Ele se apaixonou por Nobuko Sasaki, mas a mãe desta se opôs ao relacionamento. Os dois vieram a se casar, mas Nobuko, apesar de grávida, talvez devido à pressão de sua família e à pobreza de Doppo, pediu o divórcio poucos meses depois. O fim de seu casamento com a mulher que amava foi um duro golpe e ele procurou consolo em autores como Byron, Wordsworth e Goethe. Sozinho³, ele se entregou à leitura e à escrita, especialmente, de poesia.

Em 1896, Doppo conheceu Katai Tayama, então um aspirante a escritor, os dois estabeleceram uma longa amizade que resultou em algumas colaborações literárias. Os textos em prosa mais conhecidos de Doppo são escritos a partir de então. Com frequência, ele menciona a influência de Wordsworth em suas obras, em particular, sua atitude em relação à natureza, àquilo que vê e sente ao observar eventos cotidianos. São essas reflexões e emoções que ele deseja colocar no papel.

Essas ideias se refletem nas palavras de Ōtsu, protagonista de “Pessoas Inesquecíveis” (“Wasureenu hitobito”, 1898), traduzido aqui. Escritor desconhecido, Ōtsu encontra Akiyama, um pintor desconhecido, em uma noite de tempestade em uma hospedaria. O primeiro explica o tema de um manuscrito de sua autoria cujo título é “Pessoas Inesquecíveis”. Quem são essas pessoas? São pessoas consideradas de pouca importância pelo mundo — um homem que coletava algo para comer na beira da praia, um jovem condutor de carroça, um tocador de alaúde — que cruzam seu caminho em encontros fortuitos e breves, mas que o impressionam profundamente. Por alguma razão, elas são capazes de romper seu egoísmo e tocá-lo e, por um instante, ele se sente em comunhão com outro ser humano. Apesar disso, em grande parte, é o cenário em que esses encontros se dão que tornam essas impressões ainda mais vívidas em seu espírito: uma praia deserta em uma ilha, um anoitecer ao pé de um vulcão e a rua tranquila de uma cidade portuária. Segundo Keene (1987), os incidentes desse texto provavelmente são baseados em observações reais feitas pelo autor durante suas viagens.

“Pessoas Inesquecíveis” é um conto representativo de Doppo, considerado um dos precursores do naturalismo no Japão, mas de um naturalismo diferente daquele de autores europeus como Zola e Maupassant. Ele consiste na observação das pessoas em seu meio, como parte de uma “paisagem”. Sua narrativa não é meramente uma descrição da impotência do ser humano diante de forças sob as quais não tem controle. Ele procura expressar as emoções que experimenta enquanto observa pessoas e coisas nos cenários dos quais elas fazem parte.

³ Doppo se casa novamente em 1898, com Haruko Enomoto.

Doppo contraiu tuberculose e morreu em 1908, aos 36 anos. Seu talento como escritor começou a ser reconhecido pouco antes de sua morte.

PESSOAS INESQUECÍVEIS

Depois da travessia do rio Tama de barco na altura de Futako, seguindo um pouco mais adiante, há uma cidade onde os viajantes encontram repouso chamada Mizonokuchi. Quase em seu centro, há uma hospedaria chamada Kameya. Nesse dia, logo no começo de março, o céu estava inteiramente coberto e o vento norte soprava com força, dando a essa cidade solitária, uma aparência ainda mais desolada, sombria e fria. Ainda restava um pouco da neve que caíra no dia anterior, as gotas bailavam ao se precipitar do beiral do telhado de colmo de altura irregular ao sul quando eram sopradas pelo vento. Pequenas ondulações se elevavam gélidas até mesmo na água barrenta que se acumulava nas pegadas deixadas pelas sandálias de palha. Assim que o sol se pôs, a maioria das lojas fechou as portas. A cidade escura ficou em completo silêncio. Apenas na hospedaria Kameya, uma brilhante claridade iluminava as janelas, mas também não parecia haver muitos hóspedes nessa noite e seu interior estava silencioso, apenas se ouvia o som de um grosso cachimbo sendo batido de vez em quando na borda do braseiro.

A porta corrediça foi aberta de repente e um homem entrou sem pressa. Antes que o proprietário, reclinado sobre o longo braseiro e absorto em fazer cálculos mentais, tivesse tempo de se voltar em sua direção surpreso, ele cruzou a ampla área da entrada com três grandes passos e se postou à sua frente. O homem ainda não devia ter trinta anos, cerca de vinte e sete ou oito, vestia roupas ocidentais, perneiras e calçava sandálias de palha. Trazia uma boina sobre a cabeça, segurava um guarda-chuva na mão direita e abraçava uma pequena bolsa debaixo do braço esquerdo.

— Queria um quarto para passar a noite.

O proprietário observava a aparência do hóspede sem dizer nada, nesse instante, o som de palmas se fez ouvir nos fundos.

— Alguém está chamando no número seis!

Gritou o proprietário quase rosnando.

— De onde é?

Perguntou o proprietário ainda apoiado no braseiro. O hóspede levantou os ombros e franziu um pouco o rosto, mas logo um sorriso surgiu em seus lábios.

— Eu? De Tóquio.

— E para onde vai?

— Para Hachiōji.

Respondeu o hóspede, ele se sentou e começou a desamarrar as perneiras.

— Viagem estranha para quem está vindo de Tóquio para ir a Hachiōji...

O proprietário observou o hóspede com ar desconfiado, ele parecia querer fazer mais perguntas. Isso não passou despercebido ao hóspede que se apressou em acrescentar:

— Quer dizer, eu sou de Tóquio, mas não vim de lá hoje, saí tarde de Kawasaki, por isso acabou anoitecendo. Por favor, poderia me arrumar um pouco de água quente?

— Traga água quente! — gritou o proprietário. — Deve ter sentido bastante frio no caminho, não é mesmo? Deve estar ainda mais frio em Hachiōji.

Apesar das palavras amistosas, suas maneiras não eram nem um pouco acolhedoras. Com cerca de sessenta anos, o proprietário vestia uma jaqueta forrada e curta de algodão sobre o corpo gordo e sua grande cabeça parecia emergir diretamente dos ombros, os cantos de seus olhos se voltavam para baixo no rosto largo e cheio. Ele dava a impressão de ser um pouco intratável. No entanto, para o hóspede, o velho pareceu ser uma boa pessoa.

Depois que o hóspede lavou os pés e antes que ele os enxugasse, o proprietário gritou:

— Leve o hóspede ao número sete!

Depois disso, ele não se dirigiu mais ao hóspede e sequer o acompanhou com o olhar enquanto este se dirigia ao quarto. Um gato preto veio da cozinha, saltou sobre o regaço do proprietário e se aninhou sobre ele. Sem parecer notar a presença do felino, seus olhos se mantinham fechados. Depois de algum tempo, sua mão direita se moveu na direção do pote de tabaco e seus dedos gordos enrolaram uma pequena bola de tabaco.

— Depois que o hóspede do número seis sair do banho, avise o hóspede do número sete!

Assustado, o gato pulou de seu regaço.

— Idiota, não falei com você!

O gato correu esbaforido na direção da cozinha. O relógio de parede bateu oito horas com lassidão.

— Mulher, o Kichizō não está com sono? Coloque um aquecedor sob a coberta e o coloque para dormir, pobrezinho!

A voz do proprietário é que parecia sonolenta.

— O Kichizō está estudando aqui — a voz da esposa se fez ouvir na cozinha.

— Ah, é? Kichizō, vá dormir! Você pode estudar amanhã cedo, depois que acordar.

Mulher, ande logo, prepare o aquecedor!

— Já estou indo fazer isso!

A empregada e a esposa do proprietário trocaram risadinhas entre si. Um sonoro bocejo se fez ouvir na entrada da hospedaria.

— Você é que está com sono!

Murmurou a esposa enquanto colocava brasas no aquecedor enegrecido. Ela era miúda, devia ter cinquenta e cinco ou seis anos.

O vento chacoalhou a porta e as janelas da hospedaria e logo o som abafado da chuva se fez ouvir.

— Feche a porta! — bradou o proprietário e, com um estalo da língua, resmungou sozinho em voz baixa. — Diabos, voltou a chover!

E, de fato, o vento ficou mais intenso e a chuva ganhou força.

Apesar do começo de primavera, o vento frio misturado com água-neve varreu a extensa planície de Musashino e silvou com fúria sobre a escura cidade de Mizonokuchi durante toda a noite.

A lâmpada do quarto número sete ainda brilhava depois da meia-noite. Os dois hóspedes, sentados frente a frente no meio do quarto, eram as únicas pessoas despertas na Kameya. O ruído da tempestade do lado de fora era pavoroso e as persianas não paravam de chacoalhar.

— Se continuar assim, não poderá partir amanhã — disse um deles olhando para o rosto do outro. Fora o hóspede do número seis quem falara.

— Não tenho nada urgente para fazer, então posso passar mais um dia aqui.

As pontas de seus narizes reluziam nos rostos corados. Havia três garrafas de cerâmica sobre a bandeja próxima a eles e restava um pouco de saquê em seus copos. Eles estavam relaxados, sentados com as pernas cruzadas e fumavam com o braseiro entre eles. O hóspede do número seis vestia um quimono forrado e expunha o braço alvo até a altura dos cotovelos quando derrubava as cinzas do cigarro que fumava no braseiro. Embora conversassem sem cerimônias, eles tinham se encontrado pela primeira vez aquele dia na hospedaria, eles devem ter trocado algumas palavras através das divisórias que separavam seus quartos por um motivo qualquer e o do número seis, talvez por se sentir solitário, deve ter feito o convite. Depois de trocarem cartões de visita, pediram saquê e, enquanto a conversa fluía, expressões mais casuais se misturaram às mais polidas.

No cartão do número sete estava escrito “Benjirō Ōtsu”, não trazia sua ocupação. No do número seis, “Matsunosuke Akiyama”, também não havia qualquer outra informação.

Ōtsu era o homem que vestia roupas ocidentais que chegara depois de escurecer. Alto, magro e de pele clara, ele não poderia ser mais diferente de Akiyama. Este último devia ter vinte e cinco ou seis anos, corpulento, seu rosto era redondo e avermelhado e seu olhar amis-

toso dava a impressão de que estava sempre sorridente. Ōtsu era um escritor desconhecido; Akiyama, um pintor desconhecido. Por uma estranha coincidência, os dois jovens com várias afinidades se encontraram naquela pousada interiorana.

— Acho que está na hora de dormir. Não sobrou mais ninguém de quem falar mal.

Os dois discutiram sobre arte, literatura e religião. Absortos em criticar os grandes escritores e pintores contemporâneos sem piedade, eles não ouviram o relógio bater onze horas.

— Não faz mal. Não poderemos partir amanhã mesmo, então não fará diferença se passarmos a noite conversando — disse o pintor Akiyama sorrindo.

— Que horas são afinal? — Ōtsu olhou para o relógio sobre o chão. — Ei, já passa das onze!

— Então ficaremos a noite toda acordados! — Akiyama não parecia se importar com a hora. — Mas se estiver com sono, pode dormir — disse com os olhos fixos no copo.

— Não tenho um pingo de sono, mas pensei que você estivesse cansado. Saí tarde de Kawasaki e caminhei apenas quatorze quilômetros, então, estou bem.

— Também não estou cansado, mas, se for dormir, deixe-me ler isto.

Akiyama pegou o que parecia ser um manuscrito de cerca de dez páginas. A primeira folha trazia o título: “Pessoas Inesquecíveis”.

— Não vale a pena. É como quando você faz um esboço a lápis, não é para os outros apreciarem — apesar de dizer isso, Ōtsu não fez menção de tomar o manuscrito das mãos de Akiyama que folheou uma ou duas páginas e leu alguns trechos.

— Mesmo um esboço não deixa de ser interessante, por isso, desejo lê-lo. —
Então, deixe-me dar uma olhada.

Ōtsu tomou o manuscrito das mãos de Akiyama e o folheou. Os dois ficaram em silêncio durante algum tempo. O ruído da tempestade do lado de fora chegou a seus ouvidos pela primeira vez. Arrebatado por ele, Ōtsu o escutava com os olhos fixos em seu manuscrito.

— Noites como esta são território dos escritores, não é mesmo?

Ōtsu não parecia prestar atenção a Akiyama. Ele não deu qualquer resposta. Estaria ouvindo o som da tempestade? Observando o manuscrito? Ou pensando em alguém que estava há centenas de quilômetros? Pela expressão e pelo olhar de Ōtsu, Akiyama acreditava que ele estava imerso em seu território.

— Em vez de ler isto, acho que é melhor contar o que escrevi. O que acha, quer ouvir? Este manuscrito não passa de um resumo, uma porção de anotações, você não entenderá nada mesmo que o leia.

Como se tivesse despertado de um sonho, Ōtsu voltou os olhos na direção de Akiyama.

— Se puder me contar os detalhes, melhor ainda!

Quando fitou Ōtsu, ele notou que seus olhos estavam umedecidos por algumas lágrimas e emitiam um brilho peculiar.

— Tentarei fazer um relato minucioso, mas, se achá-lo enfadonho, por favor, me diga sem reservas. Não omitirei nada. Por alguma razão, fiquei com vontade de falar sobre o assunto deste texto, curioso, não é mesmo?

Akiyama colocou carvão no braseiro e enfiou as garrafas de cerâmica com saquê que haviam esfriado dentro da chaleira de ferro.

— Uma pessoa inesquecível não é necessariamente alguém de que não devemos nos esquecer, veja, essa foi a primeira frase que escrevi logo no início.

Disse Ōtsu estendendo o manuscrito na frente de Akiyama.

— Começarei explicando essa frase. Assim, você compreenderá o assunto deste texto. Mas acredito que já deva ter uma ideia.

— Não diga isso, continue, por favor! Pense em mim como um leitor qualquer. Peço licença para ouvi-lo deitado!

Akiyama se deitou com o cigarro entre os lábios. Apoiando a cabeça na mão direita, ele observava o rosto de Ōtsu com um sorriso no olhar.

— Pais, filhos, amigos, conhecidos, além dos professores e demais pessoas que se ocuparam de mim não são simplesmente pessoas inesquecíveis. São pessoas de que não devo me esquecer. Mas há pessoas com as quais não tenho relação de afeto ou dever, completos estranhos, de que poderia me esquecer sem faltar com sentimentos de dever ou compaixão, mas que são pessoas de que não consigo me esquecer. Não posso afirmar que todos tenham pessoas das quais não consigam se esquecer, mas elas existem para mim. Talvez você também tenha essa experiência.

Akiyama balançou a cabeça em silêncio.

— Este episódio ocorreu no meio da primavera, quando tinha dezenove anos. Não estava me sentindo bem e resolvi dar uma pausa nos estudos em Tóquio e voltar para a casa de minha família no interior para me reestabelecer, foi no trajeto de volta. Peguei um vapor em Osaka que navegava as águas plácidas de primavera do Mar Interior de Seto, porém, como se trata de algo que ocorreu há muito tempo, não me recordo de como eram os outros passageiros, ou de que tipo de homem era o capitão, ou do rosto do garçom que me serviu. Talvez outros passageiros tenham me oferecido chá, devo ter conversado com outras pessoas no convés, porém, não me recordo de nada.

“Minha saúde não andava bem naquela época, não me sentia muito animado e estava imerso em meus pensamentos. Ficava sonhando sobre o futuro enquanto andava pelo convés e refletia sobre o destino dos homens neste mundo. Algo normal em se tratando de um jovem. O brilho suave daquele dia de primavera se dissolvia na superfície do mar que se assemelhava a óleo, a proa do vapor avançava sem produzir ondas e emitia um ruído agradável enquanto eu observava as ilhas enevoadas aparecerem e desaparecerem a estibordo e a bombordo. As ilhas, cobertas por um brocado feito de flores de colza e folhas de trigo, pareciam flutuar em meio à neblina. O vapor passou a cerca de um quilômetro da costa de uma ilhota que surgiu a estibordo e a observei da balaustrada. Não havia sinal de plantações ou de casas, apenas bosques de pinheiros baixos aqui e ali sob as vertentes das montanhas. A praia exposta pela maré baixa, silenciosa e melancólica, reluzia ao sol e pequenas ondas pareciam se divertir produzindo longos traços que brilhavam e desapareciam como lâminas de espadas à borda d’água. Adivinhei que a ilha devia ser habitada ao ouvir o tênue canto de uma cotovia no céu acima das montanhas. “Canto de cotovia, plantação na ilha”, dizia meu pai, sem dúvida, havia casas do outro lado das montanhas. Então, vi uma pessoa na parte exposta pela maré baixa que brilhava ao sol. Tinha certeza de que era um homem, não era uma criança. Ele parecia apanhar alguma coisa e a colocava dentro de um cesto ou balde, fazia isso repetidas vezes. Dava dois, três passos, agachava-se e recolhia algo na areia. Fiquei observando atentamente essa pessoa em busca de alimento nessa minúscula praia nos recônditos dessa melancólica ilha. Sua figura se transformou em um ponto escuro à medida que o navio se afastava, ao final, a praia, as montanhas e toda a ilha desapareceram atrás da névoa. Até hoje, nos últimos dez anos, não sei quantas vezes me recordei dessa pessoa sem rosto que vi nessa ilha. Essa é uma das “pessoas inesquecíveis”.

Em seguida, cinco anos atrás, comemorei o primeiro dia de Ano Novo com meus pais e parti em viagem para Kyūshū logo depois, o encontro se deu quando cruzava Kyūshū indo de Kumamoto para Oita.

Meu irmão mais novo e eu calçamos nossas sandálias de palha e perneiras e partimos de Kumamoto bem cedo cheios de disposição. Nesse dia, chegamos a uma cidade que servia de ponto de repouso chamada Tatenō ainda com o sol alto e passamos a noite ali. No dia seguinte, deixamos Tatenō antes que o sol nascesse com a fumaça branca do Monte Aso em vista. Caminhamos pela neblina, cruzamos o píer e nos perdemos algumas vezes, quando subimos até as proximidades do topo do monte, já era meio-dia e devia passar de uma hora quando atingimos a cratera. A região de Kumamoto é mais quente, além disso, era um dia ensolarado e sem vento, por isso, apesar de ser inverno, não sentíamos frio mesmo no topo do monte, a mil e quinhentos metros de altitude. O vapor expelido pela cratera do Takatake

se congelara e deixara seu cume branco, mas praticamente não havia neve no resto da montanha, apenas a vegetação seca e esbranquiçada era soprada pelo vento, aqui e ali, penhascos queimados de coloração vermelha e negra eram tudo o que restara da antiga cratera. Essa paisagem desolada era indescritível, acho que essa tarefa caberia a você.

Subimos até a borda da cratera uma vez, passamos algum tempo espiando aquele orifício assustador e contemplamos a vista de todos os lados, mas, como era de se esperar, o vento no cume era insuportavelmente frio. Um pouco abaixo da cratera, ao lado do santuário do Monte Aso, havia um abrigo onde poderíamos tomar chá, nós nos refugiamos ali e, depois de comermos bolinhos de arroz e restabelecermos nossas forças, voltamos a subir até a cratera.

O sol já estava bastante inclinado, a cerração que envolvia a planície de Higo adquirira uma cor rubra como se estivesse em chamas, a mesma cor dos penhascos da antiga cratera que podiam ser vistos daquele lado. A vegetação seca era iluminada pelo sol no planalto distante, junto à falda do Monte Kujū, sua forma cônica se elevava acima da cadeia montanhosa. Quase era possível ver pessoas e cavalos se movimentando através do ar transparente como água. Terra e céu se uniam no imenso panorama, foi quando o chão sob nossos pés estremeceu de forma assustadora, uma densa fumaça branca se elevou em linha reta, curvou-se roçando o Takatake e se dispersou no céu. Como descrever tudo isso? Grandioso? Belo? Intimidante? Nós ficamos em pé por algum tempo, calados e imóveis como estátuas. Acredito que seja natural que a sensação da imensidão do universo e o mistério da existência humana se elevem das profundezas do coração em momentos assim.

A propósito, o que mais chamava nossa atenção era a depressão formada entre o Monte Kujū e o Aso. Ouvi dizer que ela era o que sobrara da maior cratera vulcânica do mundo e, de fato, diante de meus olhos, o planalto aos pés do Monte Kujū se precipitava de forma repentina e formava uma falésia que rodeava o vale por vários quilômetros em seu flanco oeste. Embora fosse diferente do Monte Nantai, cuja cratera dera lugar à beleza isolada do Lago Chūzenji, aquela enorme cratera vulcânica se transformara em um imenso jardim de grãos ao longo dos anos. As florestas e as plantações de trigo dos vilarejos eram serenamente iluminadas pelo sol poente naquele momento. Ali, também, encontrava-se a cidade de Miyaji, onde esticaríamos nossas pernas cansadas e dormiríamos o sono dos justos aquela noite.

Discutimos sobre se não poderíamos passar a noite no abrigo no alto da montanha para observar a cratera incandescente, mas precisávamos nos apressar para chegar a nosso próximo destino e acabamos decidindo descer a montanha em direção à Miyaji. A descida era muito mais suave do que a subida, nós nos apressamos pelo caminho que serpenteava pela vegetação seca entre sulcos e ravinas, à medida que nos aproximávamos dos vilarejos, ultrapassávamos cada vez mais cavalos carregados de feno. Ao nosso redor, nas trilhas entre

os sulcos, vários homens conduziam seus cavalos em direção à base da montanha iluminados pelo sol e ao som bucólico de sinos. Todos os cavalos estavam carregados de feno. Embora a base da montanha parecesse próxima, não era tão simples chegar aos vilarejos, escurecia e apressamos o passo, ao final, estávamos correndo.

Chegamos ao vilarejo mais próximo no lusco-fusco, depois que o sol se pusera. A atividade no vilarejo ao anoitecer era extraordinária. Enquanto os adultos estavam ocupados concluindo o trabalho do dia, as crianças se reuniam junto à sombra das cercas escassamente iluminadas ou na frente das casas, à luz dos fogões, e riam, cantavam e choravam. Coisas corriqueiras nos vilarejos do interior, mas, depois de vir correndo das campinas desoladas do Monte Aso e mergulhar subitamente em meio à humanidade, nenhuma outra cena poderia ser mais tocante. Apesar de arrastarmos nossos pés cansados ao anoitecer e de sentirmos que ainda tínhamos que caminhar bastante, seguimos preenchidos por um sentimento nostálgico em direção a Miyaji, nosso destino aquele dia.

Nós nos afastamos do vilarejo e, enquanto atravessávamos bosques e plantações, anoiteceu completamente e nossas sombras se tornaram conspícuas sobre o chão. Ao nos voltarmos e elevarmos os olhos para oeste, vimos uma lua nova à direita de um dos picos menores do Aso, como uma rainha, ela emitia um brilho azulado como o da água sobre os vilarejos do vale. Quando olhamos para o alto, a fumaça que se elevava da cratera, branca durante o dia, adquirira um tom cinza à luz do luar e recortava o lápis-lazúli dos céus. Um espetáculo impressionante e belo. Nós nos aproximamos de uma ponte cuja largura era maior do que seu comprimento e, apoiados em sua balaustrada, descansamos nossas pernas cansadas enquanto observávamos as várias transformações da fumaça vulcânica e escutávamos as vozes longínquas dos moradores do vilarejo que chegavam até nós. Foi quando ouvimos o som do que parecia ser uma carroça vazia vindo da direção que acabáramos de percorrer, ele ecoava pelo bosque e se aproximava cada vez mais em meio ao silêncio.

Depois de algum tempo, a voz clara e alegre de alguém cantando uma canção típica se juntou ao som da carroça que se aproximava pouco a pouco. Eu a escutava com os olhos voltados para a fumaça e, involuntariamente, aguardava que aquela voz se aproximasse.

Uma figura humana se aproximou da frente da ponte na qual nos encontrávamos. Ela cantava ‘Miyaji é uma boa paragem aos pés do Monte Aso’. Essa canção e a voz forte e triste-nha me tocaram profundamente. Vimos um robusto jovem, de vinte e quatro ou cinco anos, passar conduzindo seu cavalo sem olhar pra nós. O luar iluminava suas costas, por isso, não tinha uma boa visão de seu perfil, mas a silhueta escura de seu corpo vigoroso permanece gravada em meus olhos até hoje.

Fiquei observando o jovem desaparecer na escuridão e voltei os olhos para a fumaça do Monte Aso. Ele também é uma de minhas ‘pessoas inesquecíveis’.

O encontro seguinte se deu quando passei uma noite em Mitsugahama, em Shikoku, à espera de um vapor. Recordo que era início de verão, deixei o albergue de manhã cedo e, como me disseram que o vapor chegaria à tarde, fui dar uma volta pela cidade e pela praia do porto. Mitsugahama é um porto excepcionalmente próspero devido à proximidade de Matsuyama, no interior. A venda de pescados ocorria pela manhã e o movimento nos arredores do mercado era intenso. O sol da manhã brilhava no céu sem nuvens, ele era refletido pelos objetos e deixava suas cores mais vibrantes, dando ainda mais vida ao movimento do mercado. Pessoas gritavam, umas chamavam pelas outras; risadas alegres irrompiam aqui; regozijos e imprecações, ali. Compradores e vendedores, jovens e velhos, homens e mulheres, todos corriam de um lado para o outro, atarefados, alegres, felizes. Fileiras de barracas aguardavam os fregueses que comeriam em pé. Não preciso descrever a comida oferecida por elas. A maior parte dos fregueses era composta por marinheiros e pessoas que trabalhavam nos barcos. Douradas, linguados, cômgrios e polvos se espalhavam por todos os lados. As mangas e as barras das roupas das pessoas em movimento disseminavam o odor pungente de peixe.

Eu era um completo estranho naquele lugar, um mero viajante, não havia nenhum rosto conhecido, nenhuma cabeça calva que me parecesse familiar. Observar essas cenas de modo anônimo, de certa forma, despertava uma emoção peculiar e me fazia ver o mundo sob uma luz ainda mais vívida. Esquecido de mim mesmo, caminhei em meio à multidão até chegar ao final de uma rua tranquila.

O som de um alaúde chegou a meus ouvidos. Um monge itinerante tocava o instrumento na frente de uma loja. Devia ter cerca de quarenta e cinco anos, era um homem de rosto largo e retangular, baixo e gordo. A expressão de seu rosto e o brilho em seus olhos combinavam com o som melancólico do alaúde, uma voz baixa e monótona acompanhava o lamento das cordas de modo hesitante. Ninguém prestava atenção ao monge na rua, os moradores não saíam de suas casas para ouvi-lo. Todos estavam atarefados naquela manhã de sol.

No entanto, eu observava o monge e ouvia o som do alaúde. A rua estreita com casas descuidadas e a azáfama da rua não se harmonizavam com o monge e o som do alaúde, entretanto, tinha a impressão de que havia um acordo profundo entre eles. O lamento do alaúde pairava sobre as casas da rua e se misturava às vigorosas vozes dos vendedores e ao som estridente de uma bigorna. Ouvia o alaúde como se uma fonte de água pura se esgueirasse em meio a uma vaga de água turva e tinha a impressão de que as expressões de alegria, excitação,

curiosidade e concentração nos rostos das pessoas sobre a rua produziam uma melodia natural emitida pelas cordas nas profundezas de seus corações. Esse monge tocador de alaúde é uma de minhas ‘pessoas inesquecíveis’.”

Ōtsu, que falara até então, depositou o manuscrito sobre o chão em silêncio e ficou imerso em seus pensamentos. O ruído da tempestade do lado de fora não diminuía nem um pouco. Akiyama se levantou e perguntou:

— E depois disso?

— Já chega, ficará muito tarde. Ainda há várias outras: um minerador de Utashinai, em Hokkaidō; um jovem pescador da Baía de Dalian; um barqueiro com um cisto no rosto no rio Banshō. Se falar sobre cada uma das pessoas que menciono neste manuscrito, acabará por amanhecer. Se me perguntar por que não consigo me esquecer delas, a resposta é: porque elas sempre me vêm à mente. Mas por que isso ocorre? Era isso que gostaria de lhe explicar.

“Para ser franco, sou um homem infeliz, as questões sobre a existência e a pressão para realizar minhas aspirações me fazem sofrer.

Por isso, nas altas horas de noites como esta, sozinho e voltado para uma lâmpada, sinto a solidão da existência e sou preenchido por uma insuportável tristeza. Nesses momentos, meu egoísmo se esfacela e sinto falta de calor humano. Penso em amigos e acontecimentos do passado. Nessas ocasiões, são essas pessoas que surgem em minha mente. Ou melhor, não é delas propriamente que me recordo, elas fazem parte das cenas e circunstâncias em que as vi. Qual a diferença entre mim e os outros? Todos não recebemos esta vida sob o céu a um canto desta terra, seguimos nossas jornadas infinitas e retornamos de mãos dadas à eternidade? Essas ideias emergem do fundo de minha alma e, às vezes, lágrimas involuntárias escorrem pela minha face. Nessas ocasiões, realmente não há um eu distinto dos outros, mas uma nostalgia de tudo e de todos.

Não há momentos em que me sinta mais em paz do que esses, mais livre; as competições mundanas por fama e fortuna deixam de existir e me sinto em profunda comunhão com todas as coisas.

Quero me dedicar a escrever sobre esse tema. Acredito que haja outras pessoas sob este céu que sintam o mesmo.

Dois anos transcorreram depois disso.

Algumas circunstâncias fizeram com que Ōtsu fosse morar em uma região do nordeste do Japão. A conversa com Akiyama, que encontrara na hospedaria de Mizonokuchi, apagara-se de sua memória. Era uma noite de chuva, a estação do ano era a mesma de quando passara a noite em Mizonokuchi. Sozinho, sentado diante da escrivaninha, Ōtsu estava entregue

a seus pensamentos. O mesmo manuscrito intitulado “Pessoas Inesquecíveis” que mostrara para Akiyama há dois anos estava sobre a escrivaninha, o último capítulo incluído nele era “O proprietário da Kameya”. Não, “Akiyama”.

Referências

KEENE, D. **Dawn to the west: Japanese literature of the modern era.** New York: Owl Book Edition, 1987.

KUNIKIDA, Doppo. **Musashino.** Min'yūsha, 1901. Disponível em https://www.aozora.gr.jp/cards/000038/files/1409_34798.html Acesso em Nov. de 2020.

